

Relato do XIV ENEJA – Goiânia – 18 a 21 de novembro de 2015

Tema: *Concepções de educação popular e suas interconexões com a EJA.*

O XIV Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos foi marcado por um conjunto vastíssimo de discussões de grande relevância política para o pensar e agir das políticas públicas, construção do currículo, formação e democratização das ações conjuntas para a construção de uma Educação de Jovens e Adultos que se pretende emancipadora, tendo em vista o importante diálogo possível, necessário e urgente entre a EJA e a Educação Popular. A proposta para a qual todas as energias confluíram foi na direção da construção de uma Educação de Jovens e Adultos comprometida com o ideário de leitura do mundo que reafirma a importância práticas libertadoras, uma práxis que não pretende apenas aprender a ler o mundo mas, a partir dessa leitura, agir para transformá-lo em um mundo democrático, dialógico, justo e igualitário.

As falas da mesa de abertura seguiram a tradicional exposição de vários representantes de diversas vozes oficiais sobre o pensamento/ação da EJA no Brasil. Foram muitos os palestrantes e, variadas as concepções apresentadas para a plenária de delegados. O momento emblemático foi a “quebra de protocolo” por parte de professores e movimento sindical para denunciar as políticas do governo de Goiás que, além de fechar escolas (da EJA, ou não), coloca em prática a exegese do discurso neoliberal de “mais neoliberalismo”, ao propor e agenciar, nas políticas públicas estaduais, as *Organizações Sociais* como modelo “promissor”. Na avaliação do movimento sindical, esta política visa construir o mais do mesmo na intencionalidade e de retrocessos visíveis no campo das vidas concretas, ao propor uma agenda neoliberalização da educação pública, prevendo inclusive, o fim dos concursos públicos para professores da rede.

A palestra de abertura foi proferida por Liana Borges do Fórum EJA/RS. Por conta da vastidão do tema do encontro, ela optou por fazer um interessante corte histórico – a “história da militância da EJA” através da leitura por meio dos diversos ENEJAS. A companheira constrói uma linha do tempo em que recupera o lugar da Educação Popular na história recente da Educação de Jovens e Adultos. E, no processo de “reconstituição”, ela se pergunta do porquê de construir esta linha. O primeiro ponto teve como objetivo localizar as concepções de Educação Popular que atravessam esse percurso; no segundo ponto problematizou, localizou e refletiu como a Educação Popular se conecta com a EJA (e esse é o desafio colocado pelo XIV ENEJA).

No movimento de recuperação histórica, a trajetória de Paulo Freire é lembrada como referência histórica e da práxis social. Alguns documentos produzidos pela secretaria de educação de São Paulo em 1989, com Paulo Freire como seu principal condutor/mediador, passam para a memória histórica da educação popular no Brasil. E questões que atravessam o ideário *freireano*, como tema gerador e contextualização da realidade são os principais norteadores da prática pedagógica da Educação Popular que se pretende sempre emancipadora. E, em alguns momentos, Liana reconstrói o próprio vocábulo educação popular e mostra que, no processo de gênese do termo na história da educação brasileira, este termo esteve atrelado à Educação de Jovens e Adultos.

A companheira também destacou o quanto é interessante lembrar que as bandeiras históricas colocadas nesse período persistem até a contemporaneidade. E destaca como é curioso a insistência das permanências e persistências reacionárias, que no atual período de mercantilização da vida social tornam atuais as bandeiras históricas de luta por uma educação popular de Jovens e Adultos. Além desse importante destaque ao pensamento-ação de Paulo Freire, outros momentos do *dever* histórico das confluências da Educação Popular e de Jovens e Adultos aparecem. Ela destaca o documento produzido na primeira CNAEJA, que teve como seus expoentes Haddad, Gadotti e outros nomes. Ainda que a palestrante ressalte o caráter

“progressista” do documento, é em alguns momentos, acometida por indagações da concepção conteudista que perpassa este material.

Lembra ela também da defesa de Miguel Arroyo da construção da EJA na fronteira entre os movimentos e organizações sociais, de um lado, e dos sistemas educativos, de outro, inspirando-se nas experiências, de modo a revitalizar as estruturas e dinâmicas do espaço escolar. Em momento posterior a esta fala da companheira Liana, no momento em que a plenária abriu as inscrições, e desafios postos para levar à escola pública (espaço instituído) a educação popular (espaço instituinte), de forma a romper com uma “falsa dicotomia” de que a educação popular é inviável na escola pública. E esse ponto levantado pela companheira Jaqueline parece muito interessante, num momento em que os movimentos organizados da sociedade precisam não apenas combater a imposição da educação mercantil/bancária, mas propor uma plataforma de escola em que se faz/prática/prodiz a educação popular. Neste ponto, este é um projeto de contra-hegemonia que os Fóruns precisam abraçar.

E Liana termina sua exposição dando o exemplo da “Árvore temática” de Paulo Freire e da importância desta se constituir em nosso esteio para trabalhar na direção de uma Educação Popular que dialogue e se construa em conjunto com a Educação de Jovens e Adultos.

Houve vários comentários das dificuldades em se firmar uma agenda que se quer consiga cumprir metas essenciais para a EJA (ela cita, em vários momentos, a meta 9). Algumas questões são pontuadas: as práticas autoritárias que selam e engessam as práticas populares e condenam o Plano Estadual de Educação a um fiasco. E, pior ainda, a EJA, nesse contexto, fica totalmente alijada do processo. Nesse ínterim, o Fórum trata de pontuar suas ações para a construção de um espaço de denúncia e de levar e sensibilizar a sociedade para as ações da EJA.

De forma veemente, foi denunciado o absurdo, a partir dos dados da publicação da PNAD 2014, de que existem cerca de 13 milhões de analfabetos no Brasil. Este número é absolutamente coerente com o projeto que se constrói para a Educação Popular e Educação de Jovens e Adultos no Brasil—de precarização e programas/projetos que visam apenas certificar e aligeirar a formação.

A reunião de segmento contou com a participação de professores universitários. Importante mencionar que houve reunião de vários segmentos (Administrações públicas e Conselhos; Instituições de Educação Superior e universitários, Sistema S, Fundações e ONGs; Educadorxs; Movimentos sociais, sindicatos, movimentos populares). Neste caso, o foco será para as instituições de ensino superior, reunião em que o relator participou. Velhas pautas são atualizadas e velhas questões recolocadas. Mais uma vez, a centralidade no processo de formação de professores para a EJA se impõe nos debates do grupo. Porém, alguma novidade é apresentada. O crescimento dos projetos de extensão universitária aparece como um excelente espaço de disputa para se inserir a EJA no currículo das licenciaturas. Houve o alerta para a “necessidade de reformular as disciplinas na EJA de nível médio. O professor na escola ensina de forma mais ampla a educar pela geografia ou outras disciplinas. Qual é o lugar das disciplinas escolares para a Educação de Jovens e Adultos na Geografia, na Biologia, na História, etc... A Base Nacional Curricular Comum discute as disciplinas. E isso é extremamente grave, pois os materiais didáticos produzidos para a EJA precisam ser repensados, pois há necessidade de (re)elaborar a articulação disciplina e currículo para EJA nas escolas”.

Houve cinco Gts, a saber: GT1 – EJA e o mundo do trabalho; GT2 – Diversidade na EJA; GT3 – Formação de educadores da EJA; GT4 – Políticas públicas da EJA e GT5 – Fortalecimento do movimento dos fóruns da EJA. No GT4 foi apresentado um trabalho, dentre muitos, sobre a importância de uma agenda de *pesquisa-militância* através do esforço de levantamento de

dados empíricos sobre oferta e demanda para Educação de Jovens e Adultos/segmento de Ensino Médio no estado do Rio de Janeiro. A apresentação da professora suscitou uma série de indagações de se assumir o compromisso de pautar novamente a Agenda Territorial como bandeira de militância dos Fóruns estaduais. Esta fala, extremamente lúcida e provocadora, recoloca a centralidade da Agenda Territorial num contexto de fechamento/extinção de vagas para a EJA no âmbito do ensino médio no ERJ. A companheira Jaqueline também ressalta o aspecto deplorável da concepção da secretaria estadual de educação no tocante à EJA (concepção supletiva e precária para a educação dos trabalhadores) e, em termos concretos, ressalta a ausência/"falta de empenho" do governo estadual em construir a agenda territorial. A fala da companheira Adriana, no momento dos debates, elucidou questões extremamente vitais para a discussão: 1) O malogro de efetivar a EJA – financiamento, num contexto de múltiplas disputas nesse "território"... 2) A oferta ainda não está definida de forma orgânica e identitária, de forma a pensar o lugar do educando da EJA trabalhador. Levantou ainda o papel da intencionalidade do currículo para as classes populares. E termina com uma pergunta arrebatadora: Por que não pensar a Educação Popular como princípio para a construção da emancipação humana e redistribuição da riqueza social? E pergunta de forma mais veemente: Qual é a intencionalidade do nosso currículo?

No período da tarde foram organizadas cinco rodas de prosa, a saber: 1 – EJA e o mundo do trabalho; 2 – Diversidade na EJA; 3 – Formação de educadores da EJA; 4 – Políticas Públicas da EJA e 5 – Fortalecimento do movimento dos fóruns da EJA. Na roda de prosa sobre políticas públicas da EJA, realizou-se o encaminhamento de pensar este tema dentro de três vieses: 1 – Financiamento; 2 – Consolidação de cadastro, levantamento e diagnóstico e; 3 – Currículo – espaço/tempo – base curricular comum, a ser pautada nos preceitos da educação popular. Uma série de encaminhamentos e consolidação de propostas foram materializadas num texto que foi votado na plenária final de forma extremamente exitosa, dada a clareza dos objetivos e a boa redação do texto. Nesse bojo, a retomada da agenda territorial é colocada como necessidade da militância dos Fóruns de EJA de todo o Brasil.

A oficina intitulada: "Um olhar geográfico no contexto da alfabetização de adultos" segue as orientações políticas do Fórum EJA/RJ. Além do relato da oficina, procedeu-se ao seu registro fotográfico. Todas as fotos foram disponibilizadas para o site do Fórum EJA/RJ. Esta oficina ocorreu na Unidade Municipal de Goiânia e foi aplicada para os gestores educacionais locais e professores da rede de educação de Goiânia que trabalham com a EJA.

A proposta da oficina, segundo o professor e militante Enio Serra, é de exercitar o olhar geográfico, o olhar espacial e, através dele, construir uma leitura crítico-reflexiva da realidade do aluno trabalhador da EJA das redes públicas de Goiás. A oficina consistiu em apresentar imagens e, a partir delas, dois exercícios foram demandados pelo professor: 1 – Descrição da imagem e; 2 – Descrição das sensações trazidas pelas imagens. Importante ressaltar que o professor selecionou imagens que evocassem o cotidiano e realidade da sociedade Goianense. O exercício de leitura das imagens levaria a dois processos: 1 – de leitura da realidade; 2 – de pensar estratégias de aprendizagem a partir de questões geradoras e de contextualização da realidade dos alunos trabalhadores da EJA no município de Goiânia.

A plenária final foi marcada por alguns acontecimentos relevantes, dada a grande quantidade de moções de repúdio, mais do que justas, num momento político e histórico de uma verdadeira "tsunami" das investidas reacionárias e fascistas empreendida por representantes do Estado contra mulheres negras no dia da Consciência Negra em Brasília ou ações de agravo à catástrofe ambiental trazida pelo grande capital e materializada pela Companhia Vale contra o Rio Doce e contra as centenas de vidas que se encontravam na rota da lama imunda produzida pelo grande

capital—o mesmo capital (abstratamente pensando) que oprime nossa classe trabalhadora e nossos alunos trabalhadores da EJA. Um lindo poema da Análise foi declamado na abertura e no final do Fórum.

Sem dúvidas, essa experiência democrática através do Fórum EJA/RJ fortalece o Fórum com a agenda histórica de compromissos coletivos e de lutas, construída ao longo de décadas, cujos embriões estão em pessoas que acreditam ser possível uma nova realidade, realidade em que o impossível entra no campo das possibilidades, através do processo de leitura do mundo e de uma práxis transformadora e libertadora.